

# 1

## Apresentação do tema

*Sublime*. Dentre as quatro definições dicionarizadas desse termo, talvez uma seja a mais adequada para se referir à acepção comum que temos da palavra “sublime”: “o que há de mais elevado nos sentimentos e nas ações”.<sup>1</sup> Quem nunca se deparou com algo que, por sua magnanimidade, faltara-lhe palavra suficientemente à altura que pudesse expressar o sentimento gerado diante disso que se mostrara como sendo grandioso? Habitualmente designamos alguma ação ou objeto que nos possa ter causado uma admiração incomparável, sem palavras para expressar tal sentimento, tamanha a grandiosidade de tal objeto ou gesto, de *sublime*.

Seja a abóboda do céu estrelado, a vastidão do mar, a vista do alto de uma montanha ou mesmo um gesto de amor e amizade desinteressados; todos nós, de um modo ou de outro, certamente já passamos por experiências semelhantes. Desse modo, relacionamos o *sublime* sempre a algo que eleva o nosso estado de espírito e enche nosso peito de uma comoção incomparável.

Agora, quanto àquelas experiências vertiginosas as quais nos fazem sentir que, por alguns momentos, como se o chão desaparecesse sob nossos pés, nossos sentidos se obnubilassem, no qual nos sentimos aniquilados, como se não houvesse nenhum sentido na vida, levando-nos a questionar sobre o real sentido e o fim da mesma. Como a visão de enchentes devastadoras, a notícia da morte de algum ente querido, a descoberta de uma doença grave. Experiências as quais fogem totalmente de nossa compreensão. Será que poderíamos chamar, ainda assim, essas experiências, também, de sublimes? Para a acepção comum da palavra, certamente não, uma vez que essas significam o oposto das citadas mais acima.

Mas se, ao invés disso, pudéssemos, a partir desses eventos de profunda vertigem e sofrimento, pensá-los como que possibilitando uma reflexão a respeito

---

<sup>1</sup> Michaellis: *Moderno dicionário da língua portuguesa*. (São Paulo, Companhia Melhoramentos, 1998), p. 1981.

da própria vida, daquilo que poderia ter valor para nós, ou seja, da importância que conferimos a essa a partir das nossas experiências e atitudes, perante nós mesmos e os outros, e não mais considerada apenas do ponto de vista das coisas sensíveis ou materiais, mas sim do que poderia ter um valor absoluto, do ponto de vista da nossa *liberdade*, no sentido daquilo que podemos valorizar como sendo o mais importante na vida, será que não poderíamos conferir a essa, ainda assim, um valor o qual, por ser incomensurável, pudéssemos chamar, por isso mesmo, de sublime?

Em outras palavras, será que ao refletir sobre esses sentimentos paradoxais de dor e prazer, não poderíamos afirmar que a experiência genuinamente estético-filosófica, aqui de modo especial o sublime - que, como veremos mais adiante, comporta ambos sentimentos - ao elevar-nos a um domínio que ultrapassa a própria dimensão das coisas sensíveis, faz-nos perceber que o valor que conferimos a essas pouco significa em comparação com o valor supremo que podemos conferir à nossa existência a partir da nossa liberdade e moralidade? **Será que o sentimento estético, aqui de modo especial o sentimento do sublime, poderia ter alguma relação com o sentimento moral, sem que, contudo, essa relação fizesse cair por terra os fundamentos próprios da experiência estética enquanto tal e sua especificidade, não obstante apontar e colaborar para um domínio no qual pudéssemos reconhecer nossa dignidade e fins mais elevados enquanto seres livres e morais?** Eis a hipótese da presente dissertação. Sem que Kant o afirme ou o negue explicitamente, cremos encontrar em sua análise do ajuizamento estético do *sublime*, elementos suficientes que nos permitem heurísticamente traçar nosso percurso e alcançar, mesmo que assintoticamente, os fins que nossa investigação com a presente dissertação almeja.

No fundo, é a partir dessas questões que fomos levados a estudar o sublime kantiano. A experiência do sublime, não somente como experiência estética, configura um campo extremamente rico para lidarmos com problemas atuais do campo ético, como a relação entre o sentimento e a moralidade. A capacidade de chocar-se diante das ações humanas é a capacidade mesma de sensibilizar-se perante situações que levantam questões acerca daquilo que somos ou deveríamos ser e, portanto, nos levam a uma reflexão acerca dos nossos valores, remetendo-nos diretamente a questões que afetam, sobretudo, o nosso

sentimento de humanidade. Segundo um grande intérprete da estética kantiana, Paul Crowter, “Kant deseja apresentar que a *raison d'être* metafísica da experiência estética é, em última análise, promover nossa existência como seres morais”,<sup>2</sup> em função do mesmo ter “visualizado (contudo de modo opaco) que a experiência estética - e o sublime em particular - tem a capacidade para *humanizar*”.<sup>3</sup> É nesse sentido que podemos dizer que a partir da experiência estética do sublime somos levados a uma reflexão profunda sobre o que somos e sobre a partir do quê temos conferido valor à nossa existência.

Encontramos no conceito do *sublime*, apresentado por Kant na terceira *Crítica*, elementos para lidar com essas questões que estão diretamente ligadas à nossa vida como um todo. A seguinte passagem, sem dúvida a mais impactante da *Crítica da faculdade do juízo*<sup>4</sup>, despertou nosso interesse no tema do sublime em Kant:

Pois, assim como na verdade encontramos a nossa própria limitação na incomensurabilidade da natureza e na insuficiência da nossa faculdade para tomar um padrão de medida proporcionado à avaliação estética da grandeza de seu domínio, e contudo também ao mesmo tempo encontramos em nossa faculdade da razão um outro padrão de medida não sensível, que tem sob si como unidade aquela própria infinitude e em confronto com o qual tudo na natureza é pequeno, por conseguinte, encontramos em nosso ânimo uma superioridade sobre a própria natureza em sua incomensurabilidade; assim também o caráter irresistível de seu poder dá-nos a conhecer, a nós considerados como entes da natureza, a nossa impotência física, mas descobre ao mesmo tempo uma faculdade de ajuizar-nos como independentes dela e uma superioridade sobre a natureza, sobre a qual se funda uma autoconservação de espécie totalmente diversa daquela que pode ser atacada e posta em perigo pela natureza fora de nós, com o que a humanidade em nossa pessoa não fica rebaixada, mesmo que o homem tivesse que sucumbir àquela força. Dessa maneira a natureza não é ajuizada como sublime em nosso juízo estético enquanto provocadora de medo, porque ela convoca a nossa força (que não é natureza) para considerar como pequeno aquilo pelo qual estamos preocupados (bens, saúde e vida) e por isso, contudo, não considera seu poder (ao

<sup>2</sup> CROWTER, Paul: *The Kantian Sublime: From Morality to Art*. New York: Oxford University Press, 1989, p. 174.

<sup>3</sup> Ibidem.

<sup>4</sup> KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques. 2º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. As referências às citações de Kant serão dadas a partir da tradução acima citada, por meio de abreviação do título da obra, *CFJ* neste caso, seguida do número de página da segunda edição (marcada pela inicial B) da *Akademie*, conforme reproduzidas na lateral das páginas dessa tradução segundo o seguinte exemplo: *CFJ*, B 104-5. As referências às citações de Kant da *Crítica da razão pura* seguirão o mesmo modelo, por meio da abreviação do título da obra, *CRP*, seguida da referência à página da primeira e/ou segunda edição, marcadas respectivamente pelas iniciais A ou B da *Akademie* e reproduzidas na lateral da seguinte tradução adotada aqui: KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. 5ª Edição. Tradução: Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

qual sem dúvida estamos submetidos com respeito a essas coisas) absolutamente como uma tal força para nós e nossa personalidade, e sob a qual tivéssemos que nos curvar, quando se tratasse dos nossos mais altos princípios e da sua afirmação ou seu abandono. Portanto, a natureza aqui chama-se sublime simplesmente porque ela eleva a faculdade da imaginação à apresentação daqueles casos nos quais o ânimo pode tornar capaz de ser sentida a sublimidade própria de sua destinação, mesmo acima da natureza.<sup>5</sup>

O conceito do *sublime* é um daqueles temas que procuramos a vida inteira para nos dedicar a um estudo profundo, pois expressa aquela caracterização da qual nos fogem as palavras, nos emociona e comove o nosso espírito. A presente dissertação não pretende ser um exaustivo e minucioso estudo sobre o tema, dada a complexidade do mesmo e o curto tempo que tivemos para investigá-lo. Ao contrário, pretendemos trilhar um percurso que nos leva ao conceito do *sublime* como sendo um dos conceitos que, por sua íntima relação com o *sentimento moral*, possibilita-nos vislumbrar uma consideração sobre os fins supremos da nossa existência, ou melhor, a refletir sobre a seguinte pergunta: o que pode dar sentido à vida de uma pessoa? O valor dessa vida dependerá da resposta que for dada a essa pergunta. Se o sublime puder nos fornecer elementos para pensarmos questões dessa natureza, poderemos, então, considerar que a presente dissertação terá valido a pena.

---

<sup>5</sup> CFJ, B 104 -5.